

ELAS CHEGARAM LÁ

Em um mercado em que os medalhões ainda são homens, quatro mulheres, de três gerações diferentes, conquistaram seu lugar no competitivo mundo da advocacia corporativa. Entre seus clientes, empresas de grande porte e escândalos que ecoaram na mídia

POR FLAVIA GALEMBECK

FOTOS ROBERTO SETTON (SP) E GUSTAVO PELLIZZON (RIO)

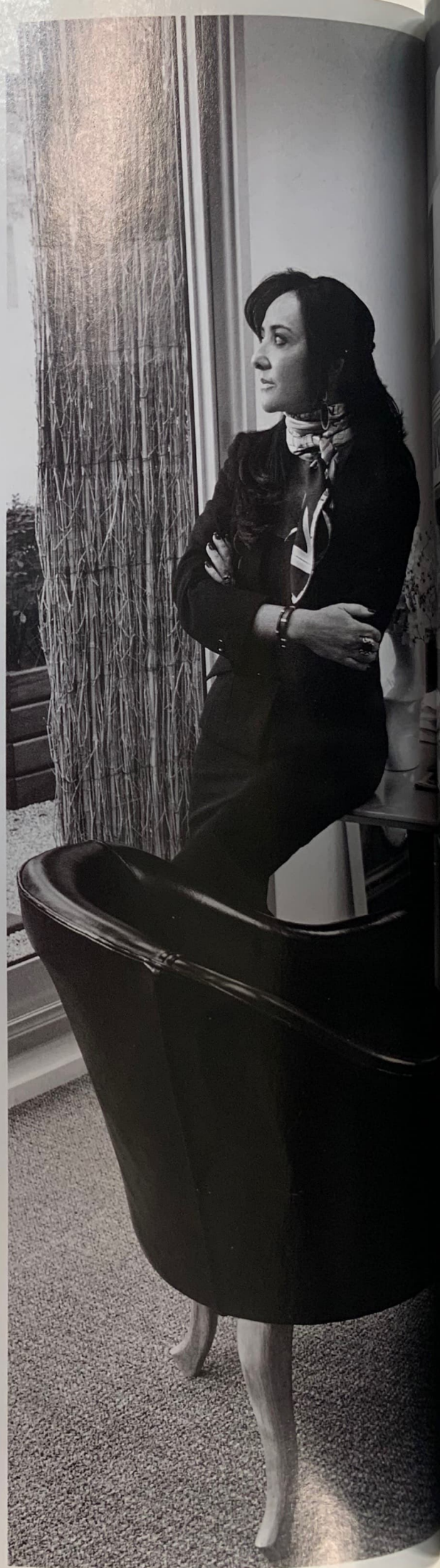
A PIONEIRA

A criminalista Joyce Roysen, 48 anos, tem 1,53 m de altura. Mesmo sobre um salto alto de 7 centímetros, que usa diariamente, ela costuma olhar para seus interlocutores de baixo para cima. O mesmo não se pode dizer de sua postura, sempre altiva. “Sempre fui a filha de personalidade forte”, define a advogada, que tem três irmãs. Focada em direito penal empresarial, trabalha no escritório que fundou, em 1993, e está por trás de casos célebres e midiáticos, como a Daslu, a Kroll, a Gtech, entre outros. Começou sua carreira estagiando com Márcio Thomaz Bastos, com quem trabalhou por 11 anos até seguir carreira solo.

Seu primeiro caso de crime econômico foi no escritório do ex-ministro da Justiça. O cliente? Ninguém menos que o Brasilinvest, do empresário Mário Garnero, que foi liquidado pelo Banco Central em 1985. Foi nessa época que ela descobriu sua área no direito. “A Lei do Colarinho Branco foi criada em 1986, o ano em que me formei na Faculdade de Direito da USP. Até então, os crimes financeiros eram classificados como estelionato. Sou da geração pioneira, que acompanhou o avanço da legislação nessa área.”

Há 15 anos, Joyce costumava ser a única mulher nas reuniões com seus clientes. Hoje, o cenário mudou e as mulheres que ocupam a diretoria jurídica nas corporações brasileiras já estão em número igual ao dos homens. “Você precisa ser valente para ser criminalista. Existe muito machismo, mas nada que não seja desarmado pela inteligência e pela boa educação”, ensina. “

Colecionadora de lápis, que usa para fazer anotações nos processos e rascunhar suas estratégias, ela só não aceita defender casos de pedofilia. “Já recusei, inclusive”, diz ela, mãe de duas adolescentes.





Joyce Roysen: "Você precisa ser valente para ser criminalista. Existe muito machismo"

Alice Moreira Franco: "Quem faz contencioso gosta de um fórum"

CONCILIADORA

Alice Moreira Franco, 32 anos, é uma conciliadora por natureza. Filha do meio e com dois irmãos, ela começou a usar sua capacidade de negociação quando ainda era pequena. Mas teve de esperar até o quarto semestre de direito na PUC-Rio, quando foi estagiar com Sérgio Bermudes, para descobrir sua vocação na carreira que escolheu. "Era um caso da Vasco da Gama Licenciamento versus o Vasco da Gama, que era presidido por Eurico Miranda. Não acompanhei até o fim, mas foi um caso que repercutiu muito na imprensa." Apesar da confidencialidade que permeia os contratos de arbitragem, sabe-se que ela atuou na disputa entre CBD (leia-se Pão de Açúcar) e Sendas, que envolvia a obrigatoriedade de compra do Sendas caso houvesse mudança de controle na holding, o que não aconteceu mesmo com a entrada do Grupo Casino, em 2002. E também na briga entre AmBev e Petrópolis, por conta da identidade visual da segunda, que usava a cor vermelha associada à Brahma. "Quem faz contencioso gosta de um fórum." Em licença-maternidade no escritório Ferro, Castro Neves, Daltro & Gomide Advogados, ela deve voltar em dois meses ao batente. Até lá, seu cliente preferencial é Maria, sua primeira filha.

THE COMMANDING HEIGHTS






Dora Cavalcanti: "Lá em casa os clientes são uma instituição, e as crianças sabem disso"

A JUSTICEIRA

Atrás da aparente tranquilidade de Dora Cavalcanti, 40 anos, há sua natureza passional. "Quando a liberdade está em jogo, tudo é urgente. Me identifico com os dramas humanos", explica ela, que por mais de uma década deu expediente com Márcio Thomaz Bastos até fundar o seu escritório, em 2003, e é reconhecida como uma das maiores criminalistas do país. "Sou perfeccionista e turrona, mas tenho um coração de manteiga", diz. A experiência com Bastos, conta ela, "foi fundamental porque me obrigou a ser independente". Toda vez que ia pedir conselhos ao ex-ministro, ele devolvia a pergunta: "O que você acha que deveria fazer?". Ao ouvir a resposta, Bastos confirmava o procedimento.

Dora atuou no escândalo dos desvios do TRT, defendendo o ex-juiz Nicolau dos Santos Neto, na CPI dos Precatórios e em quase uma centena de outros casos, mas nenhum a emocionou tanto como o do promotor Igor Ferreira da Silva, que assassinou a esposa grávida. Detalhe: ela estava esperando a primeira filha.

Sim, ela acredita realmente que não há ninguém nem nada que seja indefensável. "Às vezes, pessoas inocentes são acusadas das condutas mais abomináveis", justifica. Mãe de Mabel e Rafael, ela começa a trabalhar assim que os pequenos vão para a escola. "Lá em casa os clientes são uma instituição, as crianças já sabem."

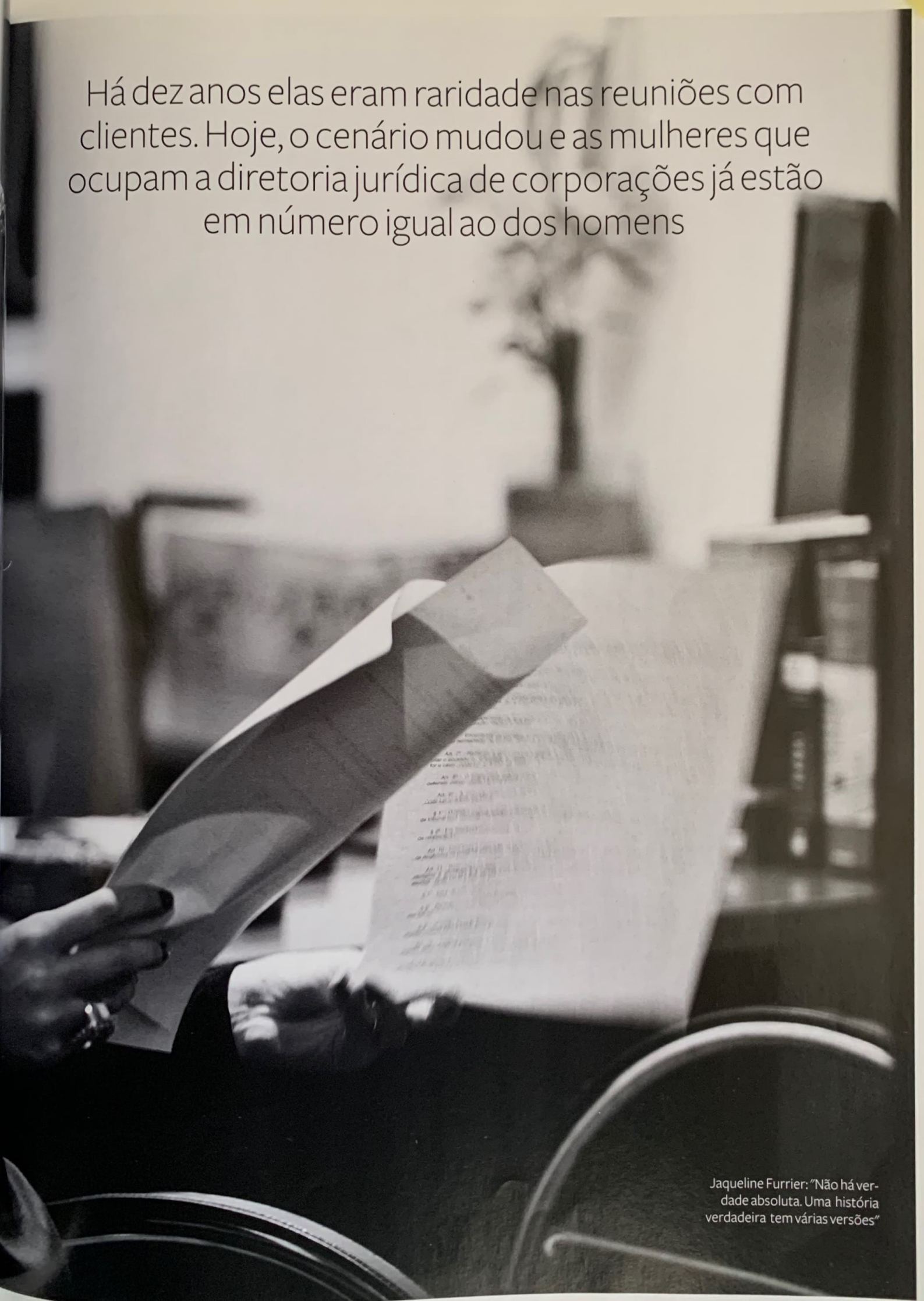


A ARTICULADA

A caloura de Joyce Roysen no Largo São Francisco, a também criminalista Jaqueline Furrer, 40 anos, sócia do escritório de José Luis Oliveira Lima, o Juca, vê o mundo de outra perspectiva, uma vez que ela mede 1,80 m e costuma usar microssaltinhos. Pode não parecer muito, mas os 3 centímetros a mais do sapato fazem toda a diferença, e não é raro que ela seja a pessoa mais alta do recinto.

Por sua facilidade com os números, Jaqueline até pensou em cursar engenharia, mas, em um estágio relâmpago de duas semanas em um escritório de advocacia, na época do cursinho, descobriu sua capacidade de argumentação, que até então só tinha usado em conversas com o pai militar, e decidiu abraçar o direito. “Eu tenho mais fama de briguenta do que realmente sou”, contemporiza. Ainda assim, é do tipo que se impõe antes mesmo de abrir a boca. “Sou intuitiva e o que me move é convencer o outro. Afinal, não há verdade absoluta. Uma história verdadeira tem várias versões e pode ser contada de formas diferentes.”

Especializada em crimes financeiros, ela começou a carreira no escritório do ex-ministro da Justiça José Carlos Dias. “O mercado financeiro não é um bicho de sete cabeças”, afirma ela. Sua rotina no escritório, no qual costuma dar expediente por meio período, por conta da filha de 3 anos, só foi modificada na época em que seu cliente, o médico Roger Abdelmassih, teve a prisão decretada. “Foi uma loucura.” ■



Há dez anos elas eram raridade nas reuniões com clientes. Hoje, o cenário mudou e as mulheres que ocupam a diretoria jurídica de corporações já estão em número igual ao dos homens

Jaqueline Furrier: "Não há verdade absoluta. Uma história verdadeira tem várias versões"